

A plena divindade de Cristo

Por que Ellen White afirma que Deus o Pai "exaltou" o Seu Filho diante das hostes angélicas por ocasião da criação do mundo, se Este sempre foi plenamente Deus?

Ellen White menciona em seus livros *História da Redenção* (cap. 1) e *Patriarcas e Profetas* (cap. 1) que Deus o Pai confirmou a plena autoridade do Seu Filho diante das hostes angélicas na época em que a criação deste mundo estava sendo planejada nos conselhos divinos. Para entendermos essa "exaltação" de Cristo, devemos ter em mente, em primeiro lugar, que ela ocorreu em uma situação de crise, em que a Sua posição estava sendo invejada e desafiada por Lúcifer. Insatisfeito por não ser convidado para os conselhos divinos dos quais Cristo participava, Lúcifer começou a propagar seu descontentamento pessoal entre os anjos.

Em face dessa situação, Deus confirmou diante das hostes angélicas o poder e autoridade de Cristo. Mas esse ato do Pai não representou qualquer capacitação adicional de poder que o Filho ainda não possuísse. Ellen White esclarece, no mesmo contexto, que não houve "mudança alguma na posição ou autoridade de Cristo. A inveja e falsa representação de Lúcifer, bem como sua pretensão à igualdade com Cristo, tornaram necessária uma declaração a respeito da verdadeira posição do Filho Deus; mas esta havia sido a mesma desde o princípio." – *Patriarcas e Profetas*, pág. 38. Estudando detidamente as Escrituras, percebe-se que sempre existiu e sempre existirá uma eterna *unidade essencial* entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo (João 5:17, 18; 10:30; I Cor. 2:10), e que também houve uma planejada *subordinação funcional* entre Eles no contexto da Criação (Gên. 1:2; Heb. 1:2; Apoc. 3:14) e da Redenção (João 14:26 e 28; 16:14). É provável que Lúcifer tenha se valido dessa evidente subordinação funcional por ocasião do planejamento da Criação, para propagar entre as hostes angélicas o sofisma de que Cristo não tinha o direito de reivindicar para Si qualquer unidade essencial com a própria Divindade. É lamentável que, ainda hoje, muitas pessoas usam o mesmo argumento para negar a plena divindade de Cristo. Se Ellen White não cresse que Cristo era co-eterno com o Pai, ela jamais teria afirmado que "em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada" (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 530); que "desde toda a eternidade esteve Cristo unido ao Pai" (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 228); que "nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus" (*Evangelismo*, pág. 615); e que devemos proclamar ao mundo "que somos crentes em Cristo, que, cremos na divindade de Cristo e em Sua preexistência" (*Testemunhos para Ministros*, pág. 253). Se a vida de Cristo tivesse sido derivada do Pai, mesmo em algum momento remoto da eternidade, como Cristo poderia ser chamado em Isaías 9:6 de "Deus Forte" e "Pai da Eternidade"? Luiz Nunes, em sua obra *Crises na Igreja Apostólica e na Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999), págs. 24-33 e 71- 79, compara e contrasta algumas compreensões distorcidas sobre a natureza de Cristo, que apareceram tanto na Era Apostólica como nos primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Praticamente todas essas distorções se originaram com uma leitura parcial e tendenciosa dos textos bíblicos e, no caso de alguns adventistas, também dos escritos de Ellen White. Distorções doutrinárias



acabam surgindo toda vez que alguém superenfatiza algumas declarações da Bíblia ou da Sra. White, em detrimento de outras igualmente importantes. As declarações de Ellen White sobre a "exaltação" de Cristo, no contexto da criação do mundo, não devem ser isoladas de outras declarações que se referem a Cristo como sempre havendo possuído a plenitude do poder divino. Uma compreensão correta da natureza de Cristo só pode ser obtida se não enfatizarmos a *subordinação funcional* entre Cristo e Deus o Pai em detrimento da *unidade essencial* que sempre houve entre Eles. Embora durante a encarnação Cristo tenha Se humilhado, assumindo a forma de servo, nunca houve um tempo em que Ele não fosse plenamente Deus (Fil. 2:5-11). Como cristãos adventistas, cremos que em Cristo sempre habitou e sempre habitará "toda a plenitude da Divindade" (Col. 2:9).

Dr. Alberto Timm

Revista do Ancião (janeiro – março de 2003)

